

O original deste texto está sujeito às regras gerais do Direito de Autor. Por favor descarregue e partilhe mas qualquer tipo de utilização está sujeito à autorização da autora Gemma Rodríguez ([gemma73es@yahoo.com](mailto:gemma73es@yahoo.com) ou através dos seus representantes na SGAE). Em caso de autorização da autora original por favor utilize gratuitamente, para fins não comerciais e devidamente creditada, a tradução portuguesa da autoria de Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins.

## **Mal Vistos**

de Gemma Rodríguez

tradução de Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins a partir do original castelhano e da versão catalã de 2006

**VISÕES ÚTEIS**

## **Personagens**

(por ordem de entrada em cena)

### **Presentes:**

SOUSELAS, Director Geral

LOPES, Director de Logística

SILVESTRE, Director Comercial

HENRIQUES, Director de Recursos Humanos

CAMELO, Chefe de Vendas

MONIKA, Secretária da Direcção Geral

### **Ausentes:**

OLGA, Secretária de LOPES

MARIA, Menina do Correio

PROFESSORA DE ALEMÃO

PROFESSORA DE INGLÊS

PROFESSORA DE TAILANDÊS

Uma grande cidade fruto do progresso e do desenvolvimento sustentado das economias neoliberais. Num dos seus bairros mais centrais situam-se as instalações que servem de sede a uma multinacional alemã do sector da higiene, pessoal e doméstica: uma empresa importante num mundo insignificante.

## **Cena 1**

**Hora aproximada: 7h30**

**Lugar: armazém**

**LOPES (Director de Logística) e SOUSELAS (Director Geral)**

*(O espaço está cheio de caixas de cartão rasgadas e pousadas de qualquer maneira. Também há dezenas de ambientadores espalhados pelo chão. Os ambientadores parecem frascos de colónia. SOUSELAS transporta caixas de um lado para o outro e tenta empilhá-las num canto. LOPES acaba de chegar.)*

LOPES – Que cheiro é este?

SOUSELAS – Chegas tarde.

LOPES – Apanhei um engarrafamento. Já te disse.

SOUSELAS – *(Para si)* Vocês só me lixam. Devias era sair de casa mais cedo.

LOPES – *(Aproxima-se de SOUSELAS e cheira-o)* Se estás mal disposto.

SOUSELAS – Estou óptimo. Tu é que já chegas tarde e entras aqui como se nada fosse. *(Chateado)* O que é que foi, caralho?

LOPES – Que raio de cheiro é este?

SOUSELAS – Perfumei-me, porquê?

LOPES – *(Apanha um ambientador do chão)* Com isto?

SOUSELAS – Com o que encontrei.

LOPES – É ambientador para carros.

SOUSELAS – Olha que não parece.

LOPES – É o que diz na etiqueta.

SOUSELAS – *(Tira-lhe o ambientador das mãos)* Eu não tenho nada que andar a ler as etiquetas. Andamos a pagar a um desgraçado para fabricar ambientadores para carros que parecem água de colónia. Já vi empresas inteiras afundarem-se por merdas como esta.

*LOPES dá conta que há caixas rasgadas por todo o lado.*

LOPES – O que é que se passou aqui?

SOUSELAS – Queres saber quem é que fabrica ambientadores? A concorrência. Se queres um, vai comprar-lhes. São de boa qualidade e não enganam, eles não lhes põem isto, como é que se chama, esta coisa *(aponta o difusor)*. É igual. Deviam fazer uma reunião com todo o departamento e empalar o imbecil que fabrica isto, ou ainda melhor, explicar-lhe a diferença entre um frasco de colónia e um ambientador e depois empalá-lo. *(Para si próprio.)* Se isto é um ambientador o que é que isto está aqui a fazer?

LOPES – Mas o que é que tu fizeste?

SOUSELAS - Na próxima reunião alguém devia pedir explicações. Expliquem-nos o que é que estamos a vender.

LOPES – Rasgaste tudo.

SOUSELAS – Merda para a etiqueta.

*(Pausa.)*

LOPES – Dormiste?

SOUSELAS – E tu? Sim, claro que tu dormiste. É por isso que chegas tarde.

LOPES – Porque é que não vais para casa?

SOUSELAS – Deixa-me em paz.

LOPES – Já não estás aqui a fazer nada.

SOUSELAS - Alguém tem de fazer o trabalho enquanto vocês batem punhetas num engarramento que só apanham porque saem de casa quando vos apetece.

LOPES - Não me grites.

SOUSELAS – Não te grito. *(Indicando uma caixa.)* Ajuda-me com isto.

LOPES - *(Ajudando-o.)* Agora no fim é que vais estragar tudo...

SOUSELAS – Quem é que disse isso? *(SOUSELAS deixa cair a caixa que ambos transportavam. A caixa cai nos pés de LOPES.)*

LOPES – *(Queixando-se.)* Eu.

SOUSELAS – E o que é que se passa contigo agora?

LOPES – Magoaste-me.

SOUSELAS – Desculpa.

*LOPES senta-se numa caixa e tira o sapato. SOUSELAS senta-se com ele.*

SOUSELAS – Então?

LOPES – O dedo mindinho.

SOUSELAS – *(Afectuoso.)* Queres uma ligadura?

*LOPES acena que não. Torna a calçar o sapato. Agora o tom é mais calmo, como se partilhassem confidências.*

LOPES – Falaste com a tua mulher?

SOUSELAS – Não.

LOPES – Ela telefonou-me ontem à noite. Não encontra as chaves do carro.

SOUSELAS – Diz-lhe que estão no sítio delas.

LOPES – Não estão.

SOUSELAS – E tu como é que sabes isso?

LOPES – Porque foi a primeira coisa que lhe disse, devem estar no sítio delas.

SOUSELAS – E ela foi ver?

LOPES - Diz que não, que no sítio delas não estão.

SOUSELAS – Eu é que não as tenho.

*(Silêncio.)*

LOPES – A tua mulher não anda bem.

SOUSELAS – Porquê?

LOPES – Já te disse! Não encontra as chaves do carro!

SOUSELAS – E tu, que raio é que se passa contigo?

LOPES – É que tenho de te explicar tudo, pôrra!

*(Silêncio.)*

SOUSELAS – É preferível da próxima vez encontrarmo-nos no teu gabinete.

LOPES – Não sei porque é que temos de vir aqui.

SOUSELAS – Ninguém te pediu.

LOPES – É deprimente.

SOUSELAS – Eu gosto.

LOPES – E este cheiro.

SOUSELAS – É a água de colónia, / já te expliquei.

LOPES - É um armazém, cheira mal porque é um armazém. E tu também cheiras mal. Nem sequer fizeste a barba.

*(Silêncio.)*

SOUSELAS – E o meu filho?

LOPES – O quê?

SOUSELAS – Falaste com o meu filho?

LOPES – Não.

SOUSELAS – Mas vais falar com ele?

LOPES – Não.

SOUSELAS – Não vais falar com o meu filho?



LOPES – Não.

SOUSELAS – E porque não?

LOPES – Porque não é meu filho. Fala tu com ele.

SOUSELAS – *(Pausa)* Já deve estar na escola.

LOPES – Não. Não foi à escola. Está em casa.

SOUSELAS – Porquê?

LOPES - Porque não encontram as chaves do carro! Já te disse! Mas tu não me ouves? És surdo? Estão em casa, os dois, em casa, sitiados em casa.

SOUSELAS – *(Após uma breve pausa.)* Estás histérico.

LOPES –Histérico eu? E tu?

SOUSELAS – Eu estou bem.

*(Silêncio. LOPES levanta-se e arranja a gravata. SOUSELAS dá-se conta que está sem gravata, tira-a do bolso e põe-na.)*

LOPES – Vou chegar atrasado a uma reunião. Se precisares de mim estou no meu gabinete.

SOUSELAS – Sim, da próxima vez encontramo-nos no teu gabinete.

LOPES – Estive na Alemanha.

SOUSELAS – Quando?

LOPES - No fim-de-semana.

SOUSELAS – Não sabia.

LOPES – É claro que sabias. Disse-te na semana passada.

*(Silêncio. SOUSELAS debate-se com a gravata, não consegue perceber como é que se faz o nó.)*

LOPES – Não me queres perguntar nada?

SOUSELAS – Correu bem?

LOPES – Correu bem.

SOUSELAS – Ainda bem.

LOPES – Bem, sim, acho que me vão promover.

*(Pausa breve. LOPES ajuda-o com a gravata.)*

LOPES – Mas há uma coisa.

SOUSELAS – Ah sim?

LOPES – Não tem importância, mas... Eles pensava que eu era mais novo.

SOUSELAS – Mais novo que quem?

LOPES – Não sei. Quer dizer, era como se quisessem alguém mais novo.

SOUSELAS - Mais novo que tu?

LOPES – Não propriamente.

SOUSELAS – Não precisam de alguém mais novo.

LOPES – Eu sei. Não é que eles me tivessem dito alguma coisa, aquela gente preferia ficar sem um braço a dizer aquilo que pensa, mas havia alguma coisa, não sei, alguma coisa me dizia que eles pensavam que eu era mais novo.

SOUSELAS – E não és.

LOPES – Não tem importância.

SOUSELAS – Quantos anos tens? Quarenta?

LOPES – *(Chateado.)* Esquece, está bem? Não deve passar de um mal entendido estúpido. Falaste com eles?

SOUSELAS – Claro. Afinal quem é que te está propor?

LOPES – Eu sei.

*SOUSELAS dá meia volta e tropeça, caindo sobre uma caixa. Levanta-se como pode.*

SOUSELAS – Claro que lhes... sou eu quem te está propor! Não te esqueças disso!

LOPES – Porque é que não vais para casa?

SOUSELAS – *(Desagradável.)* Porque não quero, foda-se. Porque é que havia de ir para casa, ãh? Estou a incomodar, é?

LOPES – É que não te dás conta, é o que é.

SOUSELAS – Que conversa!

LOPES – Não sabes como é que estamos?

SOUSELAS – Perfeitamente.

LOPES – Então não preciso de te dizer que estamos enterrados em merda até ao pescoço.

SOUSELAS – Não.

LOPES – Pois estamos enterrados em merda até ao pescoço.

SOUSELAS – Pois não precisavas de me dizer.

*(Ouve-se o barulho do exterior.)*

SOUSELAS – O que é que se passa?

LOPES – Nada.

SOUSELAS – Com quem é que falaste?

LOPES – É segunda-feira, são sete e meia da manhã, / mas com quem é que tu querias...

SOUSELAS – Estiveram a falar-te de mim, não foi?

LOPES – Não comeces.

SOUSELAS – Estiveram a fazer-te a cabeça. Foram eles outra vez.

LOPES – Não quero ouvir.

SOUSELAS – Como é fácil encontrar um culpado. Eu não sou o único responsável, sabes? / A culpa não é minha.

LOPES – Eu sei.

SOUSELAS – A culpa é tua. Ouve o que te digo. As pessoas não podem deixar de fumar de um dia para o outro.

LOPES – Mas que conversa é essa? Eu estou-te a falar da empresa.

SOUSELAS – Num dia apagam o cigarro e no dia seguinte incendeiam-te a cabeça. É o que eles fazem.

LOPES – Não, outra vez não.

SOUSELAS – Não podes obrigar as pessoas a deixar de fumar. Porque não conseguem, não conseguem trabalhar e deixar de fumar ao mesmo tempo, são viciados em nicotina, e agora falam mal de mim, ESTÃO A OUVIR? CABRÕES! NUM DIA APAGAM O CIGARRO E NO DIA SEGUINTE INCENDEIAM-ME A CABEÇA. O QUE É QUE DIZEM DE MIM? O QUE É QUE ANDAM A DIZER DE MIM?

LOPES – Cala-te, por favor.

SOUSELAS – Chupadores de nicotina! Desequilibrados! Estão todos desequilibrados!

LOPES – *(Agarra-o pelo pescoço e cala-o.)* Queres-te calar?

*(O barulho exterior cessa. Silêncio tenso. LOPES percebe que se excedeu e larga-o. LOPES envergonha-se do que fez. SOUSELAS nem acredita que ele lhe tocou.)*

LOPES – Vão pensar que estás louco.

SOUSELAS – Não me toques.

LOPES – Controla-te.

SOUSELAS – Já te disse que não me toques.

LOPES – Vai lá acima e faz a barba.

SOUSELAS – Era o que eu ia fazer.

LOPES – E já vais tarde.

SOUSELAS – E não me grites.

LOPES – Eu não te grito. Mas vai lá acima e faz a barba.

## **Cena 2**

**Hora aproximada: 8h00**

**Lugar: paragem de autocarro**

**SILVESTRE (Director Comercial)**

SILVESTRE – Esta manhã vim de autocarro.

## **Cena 3**

**Hora aproximada: 8h30**

**Lugar: átrio**

**HENRIQUES (Director de Recursos Humanos) e CAMELO (Chefe de Vendas)**

*(HENRIQUES e CAMELO esperam pelo elevador.)*

HENRIQUES – (Camelo. Camelo. Camelo. Camelo. Camelo. Camelo. Camelo. Não me digas mais nada, não digas, não te atrevas, não fales comigo, não voltes a falar-me desta maneira, ouviste-me, camelo? *(Pausa.)* Se fosses diferente, se fosses... mas tu já te viste? Deves pensar não sei o quê. Porquê? Porque é que pensaste? Porque és de importação? Uma classe diferente de camelo, foi isso que pensaste, sou um camelo de importação. Sabes qual é o teu problema? Tu não fazes a mínima ideia, pois não? *(Pausa.)* Precisas de alguém que te explique quem és, porque tu não fazes a mínima ideia, não

sabes quem és. *(Pausa.)* Queres saber? Queres saber quem és? Quem? Queres? Eu digo-te quem és...) *(Pausa breve.)* Camelo!

CAMELO – Desculpe?

HENRIQUES – Temos calças iguais. As calças. Reparou? São iguais.

*(CAMELO repara na coincidência.)*

CAMELO – Pois é. Não tinha reparado. Mera coincidência.

HENRIQUES – A si ficam-lhe melhor.

CAMELO – O quê?

HENRIQUES – As calças.

*(Chega o elevador.)*

CAMELO – Vai subir?

HENRIQUES – Eu espero, obrigado.

CAMELO – Foi um prazer.

HENRIQUES – Igualmente.

CAMELO – Vemo-nos por aí.

HENRIQUES – Bem-vindo.

CAMELO – Obrigado.

HENRIQUES – *(Camelo.)*

## **Cena 4**

**Hora aproximada: 9h00**

**Lugar: corredores e escadas**

**SOUSELAS (Director Geral) e MONIKA (Secretária da Direcção Geral)**

*(SOUSELAS sobe as escadas em direcção ao seu gabinete.)*

SOUSELAS – (Vai lá acima, vai lá acima e faz a barba. Faz a barba, faz a barba. Grande cabrão. Que não faça merda. Não faças merda tu, meu porco. Não me digas mais nada, não digas, não te atrevas, não voltes a falar-me desta maneira. Quem é que tu pensas que és? Quem? Não voltes a vir ter comigo. Não voltes, não venhas, não te atrevas. Da próxima vez encontrarmos no teu gabinete ou não nos encontramos. Ouviste? Mas não fales comigo se é para ficares violento, se ficas, é melhor não vires, não venhas, é melhor não te meteres, é melhor não vires ter comigo, se vais ficar violento. Fica violento no teu gabinete, fecha-te no gabinete e fica violento com as coisas que tens no gabinete, fica violento com o fax. Como é que te atreves a levantar-me a voz? A mim? Tenho os pulmões doentes, cheios de bolhas, não há espaço para mais nada, não há espaço para mim nos meus pulmões e tu, como te atreves, como te atreves? Vou fazer a barba, claro que vou fazer a barba mas não porque tu o digas, não por ficares violento, vou fazer a barba porque as formas são importantes e isso fui eu que te ensinei, cabrão.)

*(SOUSELAS chegou ao seu gabinete. Entra. Lá dentro está MONIKA, a sua secretária.)*

MONIKA – Bom dia.

SOUSELAS – *(Desconcertado.)* Que horas são?

MONIKA – Nove horas.

SOUSELAS – Merda.



MONIKA – Telefonou a secretária do senhor Schultz. Disse que era urgente. Eu disse que lhe telefonava. António Rodrigues, da Comissão de Trabalhadores, anda à sua procura desde sexta-feira; os sindicatos querem fazer a reunião esta semana. / Também telefonou a sua mulher. Disse que não encontra as chaves do carro e que não lhe diga que estão no sítio delas porque no sítio delas não estão. Tem que ver a correspondência, há uma carta da Alemanha...

SOUSELAS – (Merda. Nove horas. Cheguei tarde. Tenho de ir embora. Tens de te ir embora. Vamos, anda.) Agora não, Monika, tenho de me ir embora. Lamento. Volto já, prometo. Volto já. *(Sai do gabinete.)* (Merda. Merda. Imbecil. És um imbecil. Ela entra às oito e meia. Foste tu que lhe disseste, lembras-te? Foste tu que lhe disseste às oito e meia. E ela disse que sim. Porque é mais rápida, mais rápida que tu. Às oito e meia? Disse ela. Não se preocupe, estarei cá às oito e meia, todos os dias, todos os dias da minha vida e da sua, esperarei por si às oito e meia, toda a minha vida. PORQUE RAIO É QUE CHEGAS ÀS NOVE? MERDA!)

### **Cena 5**

**Hora aproximada: 9h30**

**Lugar: paragem de autocarro**

**SILVESTRE (Director Comercial)**

SILVESTRE – Esta manhã vim de autocarro.

### **Cena 6**

**Hora aproximada: 10h**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística) e HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

*(HENRIQUES e LOPES estão sentados frente a frente na mesa principal do gabinete de LOPES. HENRIQUES entretém-se a brincar com uma espécie de*

*troféu de cristal com forma fálica que tirou da mesa de LOPES. LOPES fala com a sua secretária OLGA através de um intercomunicador.)*

LOPES – Olga.

HENRIQUES – O que é que simboliza?

LOPES – Não simboliza nada. É um prémio. Olga!

HENRIQUES – É um prémio. É isso que simboliza.

LOPES – Olg...!

OLGA – Sim?

LOPES – Onde é que se tinha metido?

OLGA – Estava aqui. O que quer?

LOPES – Quero saber se tenho mensagens.

OLGA – Não, senhor Engenheiro, não tem.

HENRIQUES – Simboliza o fracasso dos outros.

LOPES – Olga.

HENRIQUES – O meu, por exemplo.

*(LOPES apercebe-se que OLGA desligou o intercomunicador.)*

LOPES – Olga!

HENRIQUES – Quando é que te deram este prémio?

OLGA – Sim?

LOPES – Olga, não me desligue o intercomunicador quando eu ainda não acabei a comunicação.

OLGA – Desculpe.

HENRIQUES – Porque é que não pões uma fotografia minha? Eu ajudei-te a ganhar este prémio.

LOPES – *(Para o intercomunicador.)* Olga.

OLGA – Sim?

LOPES - Se alguém telefonar, avise-me.

OLGA – Não se preocupe, senhor Engenheiro. É tudo?

*(LOPES desliga o intercomunicador. Silêncio.)*

HENRIQUES – Continuo?

LOPES – Força.

HENRIQUES – Não me estavas a ouvir, pois não?

LOPES – Claro que... estava a falar com a minha secretária, importas-te?

HENRIQUES – Se queres que me cale só tens que dizer.

LOPES – Estou a ouvir-te.

HENRIQUES – Então esta manhã vi-o outra vez, e em vez de ir para o carro fui direito a ele, pus-me à sua frente e olhei para ele, fixamente, e disse para comigo que este maldito filho da puta...

LOPES – Não se lembra de ti.

HENRIQUES – Finge.

LOPES – Porque é que havia de fingir?

HENRIQUES – Sei lá. Há semanas que dorme em frente à minha casa. Quando saio ELE é a primeira coisa que vejo. ELE e a sua cara e aquelas caixas todas de cartão.

LOPES – E então?

HENRIQUES – E então ele vê-me e sai do meio daquelas caixas todas e aproxima-se e bate-me na janela do carro a pedir que eu olhe para ele e eu olho para ele e ele estica o braço e mostra-me um pacote de lenços de papel enquanto murmura uma merda ininteligível... Não usa luvas, podia usar umas luvas, tem uma pele asquerosa, a sério, é como se fosse tinta velha, toda a descascar, a pele cai-lhe aos bocados como se estivesse a trocar de pele, sabes, como fazem os lagartos.

*(LOPES não responde.)*

HENRIQUES - Deixa-me resíduos na janela do carro, a sério, pedacinhos de coisas, de coisas, quero dizer, de ele, pedacinhos de ele espalhados pela janela do carro, podia comprar-lhe dois pacotes só para limpar os resíduos. Reconhecia-o em qualquer lado.

LOPES – Olha que ele a ti não.

HENRIQUES – Nem sequer peço muito, reconhecimento, é isso que peço, sou seu cliente, compro-lhe pacotes de lenços de papel, não todos os dias, mas regularmente, não digo que eu seja o melhor cliente que ele tem, mas podia ajudá-lo no seu negócio, fazê-lo prosperar. Reconhecimento, parece-me que já mereço, quero que me olhe nos olhos e me reconheça, que saiba quem eu

sou. Sabes do que é que eu gostava? Do que é que eu gostava mesmo? Parar um dia e perguntar-lhe: "Oiça lá, pode saber-se que merda é essa que está a murmurar? O que é isso que diz? O que é que está a dizer? Ah?" Eu estava disposto a ajudá-lo, não me custava nada, ajudá-lo a melhorar o negócio. Tenho um espírito solidário.

LOPES – *(Tentando despachá-lo.)*Então faz isso.

HENRIQUES – Não faço, é um filho da puta e não faz a mínima ideia de como gerir um negócio.

LOPES – *(Farto.)* Henriques.

HENRIQUES – Já estou a acabar. Se o que queres é viver de vender lenços na rua tens de gostar do contacto com as pessoas, verdade ou verdade? Tens mesmo de gostar, trabalhas cara a cara com o público, não podes ser um inútil, hoje em dia as ruas estão cheias de pessoas a vender coisas, alguns até te vendem a alma se quiseres. O que é que faz com que eu gaste o meu dinheiro aqui ou noutro lado? Educação e boas maneiras.

LOPES – *(Tentando acabar a conversa.)* Portanto...

HENRIQUES - Portanto, já que ele parece ser incapaz de se lembrar do meu nome, apesar de já lho ter repetido em três ocasiões, e insiste em murmurar essa merda ininteligível e em deixar-me a janela num asco, eu, sinto muito, decidi que não serei consultor no seu negócio ambulante de venda de lenços de papel.

*(Silêncio breve.)*

LOPES – Mudando de assunto...

HENRIQUES – Mudando de assunto, acabo de me cruzar no elevador com um camelo que disse que trabalha / aqui...

LOPES – Henriques, vieste para me dizer alguma coisa?

HENRIQUES – Sim, mas não me lembro.

LOPES – Este fim-de-semana estive na Alemanha.

HENRIQUES – *(Tinha-se esquecido.)* Merda.

LOPES – Disse-te a semana passada.

HENRIQUES – Eu sei.

LOPES – Disse-o a todos. Neste mesmo gabinete. Um a um.

HENRIQUES – Como é que correu?

LOPES – Bem. Correu bem.

*(Breve silêncio.)*

LOPES – Sabes qual é a média de idade da equipa?

HENRIQUES – A média...?

LOPES – Trinta e cinco ponto quatro.

HENRIQUES – Trinta e cinco ponto quatro.

LOPES – Têm a equipa mais jovem de toda a Europa. Não sabias?

HENRIQUES – *(Chateado.)* Não, não sabia.

LOPES – Sabes que fomos para os copos?

HENRIQUES – Não, não fazia a mínima ideia.

LOPES – Não levava a gravata adequada.

HENRIQUES – Com quem é que foste para os copos?

LOPES – Estás-me a ver no meio de um bar, rodeado de quase adolescentes alemães, com um copo na mão e...

HENRIQUES – Não.

LOPES – *(Desculpando-se.)* Achei aquilo um bocado excessivo, aquela confusão toda.

HENRIQUES – Vais a uma reunião e acabam todos bêbados num bar.

LOPES – Foram eles que me levaram. E não era um bar, não sei como é que se chama, é um daqueles sítios que agora estão na moda, as pessoas vão lá fazer negócios. Estava a abarrotar de pessoas a fazer negócios. No nosso grupo havia uma miúda que contava anedotas, eu falei um bocado com ela, expliquei o que é que fazíamos aqui, como funcionávamos, que planos tínhamos, esse tipo de coisas, a seguir a miúda contou outra anedota e a seguir riram-se todos muito.

HENRIQUES – De certeza que só estavam a ser simpáticos.

LOPES – Estão a propor-me uma promoção. Não têm necessidade nenhuma de se fazerem simpáticos.

HENRIQUES – Falaram de mim?

LOPES – Não.

HENRIQUES – Porque não?

LOPES – E porque sim? Porque razão havíamos de falar de ti? Estávamos a falar de mim.

HENRIQUES – Já sei que estavam a falar de ti, mas às tantas (podiam ter falado de mim)

LOPES – Às tantas o quê?

*(Toca o telemóvel de HENRIQUES. Ele vê quem é.)*

HENRIQUES – Merda. Não pára de me ligar. *(Passa o telemóvel a LOPES.)*  
Queres atender tu?

LOPES – Então não quero!

HENRIQUES – Perguntaste-lhe?

LOPES – Ele diz que não as tem.

HENRIQUES – E onde raio é que estão?

LOPES – Disse que as deixou no sítio delas.

HENRIQUES – Pois no sítio delas não estão. Foi a primeira coisa que lhe disse, que de certeza que as chaves estão no sitio delas, mas ela disse que no sítio delas não estão.

LOPES – Eu sei.

HENRIQUES – Não posso fazer mais nada.

LOPES – A mulher é dele.

*(O telemóvel pára de tocar.)*



HENRIQUES – Ele não devia dormir ali em baixo.

LOPES – Nem me digas nada.

HENRIQUES – Porque é que a mim também não me convidam para tomar um copo e a seguir me despedem?

LOPES – A que propósito é que vem essa merda?

HENRIQUES – Sou o Director de Recursos Humanos. É suposto eu despedir uma data de gente. E eu vou e encontro um camelo no elevador que me diz que trabalha aqui e eu nem sequer sei quem o gajo é. O meu trabalho é importante.

LOPES – Com certeza que é.

HENRIQUES – E é uma merda.

LOPES – *(Referindo-se ao troféu que HENRIQUES manipula perigosamente entre as mãos.)* Vais parti-lo.

HENRIQUES – E se eles não sabem o que fazer comigo, o problema é deles. Quando começar a reestruturação, quando as pessoas começarem a perder o emprego ou a ser transferidas ou...

LOPES – Porque é que não o pões outra vez no sítio dele?

HENRIQUES – Tu sabes do que é que eu estou a falar. As pessoas não são idiotas, agora estão calmas mas quando começarem a dar conta, quando lhes cheirar que isto vai correr mal, vão começar a ficar nervosas e então...

LOPES – Deixa isso, por favor. Já me partiste um, lembras-te?

HENRIQUES – Desculpa.

LOPES – Não quero que partas esse.

HENRIQUES – O ambiente está muito carregado.

LOPES – Dá-me isso.

HENRIQUES – Uma faísca e têm de vir os bombeiros todos.

LOPES – Por isso que temos de ser discretos. Nada de despedimentos sem justa causa. Não queremos confusões nem com os sindicatos nem com a imprensa. Por enquanto quanto menos gente souber melhor.

*(LOPES devolve o troféu ao seu lugar original. Pausa.)*

LOPES – Henriques, queres dizer-me mais alguma coisa?

HENRIQUES – *(Pausa.)* Estás à espera de alguém?

LOPES – Não. *(HENRIQUES parece não entender.)* Henriques, tenho trabalho.

HENRIQUES – Trabalho? Que tipo de trabalho?

LOPES – O que é que se passa contigo? Trabalho. Sou Director de Logística, pagam-me para trabalhar. A ti não?

HENRIQUES – Sim, claro.

LOPES – Sim. É para isso que nos pagam.

HENRIQUES – Sim. *(Sem convicção.)* Para isso é que nos pagam.

*(HENRIQUES não se mexe. LOPES abre a gaveta da sua mesa e tira um grande dossier e pousa-o sobre a mesa.)*

HENRIQUES – O que é isso?

LOPES – Veio da sede.

HENRIQUES – Está em alemão.

LOPES - Estão a propor mudanças interessantes na cadeia de produção. Querem que lhe dê uma vista de olhos.

HENRIQUES – Hoje tenho aula de alemão. *(Levantando-se.)* A Anke diz que eu devia praticar com alguém fora das aulas. Se calhar podia praticar contigo. O que é que achas?

LOPES – Acho bem.

HENRIQUES – Podíamos começar por combinar um vez por semana.

LOPES – Quando quiseres.

HENRIQUES – Está bem.

*(Silêncio. Ouve-se o barulho exterior.)*

HENRIQUES - Tinham que pagar-me um monte de dinheiro. Por isso é que não me despedem.

LOPES – Sai do meu gabinete.

HENRIQUES – Tenho um contrato blindado.

LOPES – Vai-te embora.

HENRIQUES – Tinham que largar uma pipa de massa.

LOPES – Henriques. Vai-te embora.

HENRIQUES – Mas primeiro têm de me convidar para tomar um copo e dizer-me, Henriques...

LOPES – Não te quero ouvir mais.

HENRIQUES - ... está despedido...

### **Cena 7**

**Lugar: paragem de autocarro**

**SILVESTRE (Director Comercial)**

SILVESTRE – *(A frase de Silvestre entra em cima da de Henriques.)* Esta manhã vim de autocarro.

### **Cena 8**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística), SILVESTRE (Director Comercial) e HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

LOPES – *(Para SILVESTRE.)* Cala-te! Pode ser? Cala-te!

*(O barulho exterior desaparece subitamente.)*

LOPES – Já sabemos que vieste de autocarro! Já tomámos conhecimento! Achas que ainda há alguém que não saiba?

SILVESTRE – É que...

LOPES – Cala-te já, por amor de Deus.

SILVESTRE – Só...

LOPES – O quê?

SILVESTRE – Nada.

LOPES – O quê?

SILVESTRE – Não queria que tomassem conhecimento por outra pessoa.  
Incendiaram-me o carro.

HENRIQUES – Incendiaram-te o carro?

SILVESTRE – Esta noite, alguém lhe pegou fogo.

LOPES – Não me digas que o deixaste na rua.

SILVESTRE – Não encontrava as chaves da garagem.

LOPES – Mas o que é que te passou pela cabeça?

SILVESTRE - Não sei, não encontrava as chaves da garagem.

LOPES – E deixaste-o na rua e agora ficaste sem carro.

SILVESTRE - Tiveram de vir os bombeiros todos. Já me tinham dito: uma pequena faísca e...

LOPES – E apanhaste o autocarro.

SILVESTRE - Não queria chegar tarde. O autocarro passa mesmo em frente à minha casa...

LOPES – Vocês não têm dois carros?

SILVESTRE – O outro é da Cláudia.

LOPES – Pede-lhe.

SILVESTRE – Não posso. Ela precisa dele.

LOPES – Ela não trabalha.

SILVESTRE – Mas precisa dele para ir a sítios. (*Explica-se.*) Ela está sempre a ir a sítios onde é preciso ir de carro.

LOPES – E qual é o problema com os táxis?

SILVESTRE – A Cláudia não gosta / não quer apanhar táxis.

LOPES – Não estou a falar da Cláudia, estou a falar de ti. Porque é que não apanhaste um táxi?

SILVESTRE – O autocarro passa mesmo em frente à minha casa.

LOPES – QUERO LÁ SABER ONDE É QUE PASSA A MERDA DO AUTOCARRO. ÉS O DIRECTOR COMERCIAL. (*LOPES respira fundo.*) Silvestre, és o Director Comercial e toda a gente te viu a sair desse autocarro. O Director Comercial não vem de autocarro. Fizemos-te Director Comercial para que não viesses de autocarro. Para mais nada, só para que não viesses de autocarro. E se o autocarro passa em frente à tua casa, muda-te.

HENRIQUES – Isso, muda-te.

LOPES – (*Para HENRIQUES.*) Tu não tinhas uma aula? (*Para SILVESTRE.*) E tu o que é que tens?

SILVESTRE – Um velhinho chamou-me cabrão.

LOPES – O quê?

SILVESTRE – No autocarro. Empurraram-me e um velhinho chamou-me cabrão.

*(LOPES e SILVESTRE continuam a falar mas agora não podemos ouvir a conversa porque do exterior chega novamente o barulho. Pouco a pouco o barulho confunde-se com a voz em off da professora de alemão até desaparecer por completo.)*

### **Cena 9**

**Hora aproximada: 10h30**

**Lugar: pequena sala de reuniões**

PROFESSORA DE ALEMÃO – *(Voz off.) Der Bleistift liegt auf dem Tisch.*

### **Cena 10**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística)**

*(LOPES está sozinho no seu gabinete. Fala com a sua secretária OLGA através do intercomunicador.)*

LOPES - Olga. *(Silêncio.)* Olga!

OLGA – Sim?

LOPES – Localize-me a Karen.

OLGA – A Karen não está, está de baixa.

LOPES – Então que venha de gatas . Preciso dela esta tarde.

OLGA – Está no hospital.

LOPES – No hospital?

OLGA – Não lhe disse porque pensei que já sabia. Sexta-feira a sair do trabalho estavam uns miúdos à espera dela.

LOPES – Esqueça isso, quem mais é que temos para fazer traduções?

OLGA – Acho que ninguém...

LOPES – O que é que quer dizer “acho que ninguém”?

OLGA – Não tenho bem a certeza. Talvez... pudesse...

LOPES – *(Interrompendo-a.)* Arranje-me alguém para traduzir o dossier e averigue porque é que não há mais ninguém para fazer traduções. *(Depois de uma breve pausa.)* Olga. *(Pausa breve.)* OLGA!

OLGA – Sim?

LOPES – Ainda não acabei.

OLGA – Perdão, pensei...

LOPES – Estou à espera de uma chamada urgente, da Alemanha. Se telefonarem passe-me logo.

OLGA – Com certeza. *(Após uma breve pausa.)* É tudo?

LOPES – Sim.

## **Cena 11**

**Lugar: pequena sala de reuniões**

**HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

HENRIQUES – *(Voz off.) Der Bleistift liegt auf dem Tisch.*



*(Toca o telefone no gabinete vazio de SOUSELAS. Depois de vários toques o som do telefone mistura-se com o ruído da cafetaria.)*

## **Cena 12**

**Hora aproximada: 11h15**

**Lugar: cafetaria**

**SILVESTRE (Director Comercial), HENRIQUES (Director de Recursos Humanos) e LOPES (Director de Logística)**

*(SILVESTRE, HENRIQUES e LOPES tomam pequeno-almoço. HENRIQUES e LOPES bebem café. SILVESTRE debate-se com um croissant que nada à vontade numa enorme chávena de café com leite.)*

SILVESTRE – Eu não sabia que a apresentação era em inglês.

HENRIQUES – *(Para LOPES.)* Não sabias aquilo da Karen?

SILVESTRE – Ninguém me comunicou.

HENRIQUES – *(Para LOPES.)* Aqueles filhos da puta assaltaram-na aqui em frente. O mais velho não tinha sequer doze anos.

SILVESTRE – Se alguém me tivesse dito que a apresentação era em inglês...

HENRIQUES – *(Para LOPES.)* E nem sequer levaram o dinheiro, só queriam o telemóvel.

LOPES – E por pouco não a matavam.

HENRIQUES – E podes calcular que tipo de telemóvel deve ter a Karen.

SILVESTRE – Tinha-a preparado em inglês, para mim não era um problema, a sério, mas alguém me devia ter dito.

LOPES – Porque é que não contrataste alguém?

HENRIQUES – *(Chateado.)* Porquê o quê?

LOPES – Sim. Porque é que não temos ninguém para fazer o trabalho da Karen?

HENRIQUES – Diz-me tu.

SILVESTRE – Fiquei completamente em branco.

*(Henriques e LOPES enfrentam-se.)*

HENRIQUES – Temos de poupar.

LOPES – Foi por isso que nos deixaste sem tradutora?

HENRIQUES – Vai cagar.

LOPES – Com que critério?

HENRIQUES – Não me fales de critérios.

LOPES – Explica-me.

HENRIQUES – Não me apetece. Não me digas o que tenho de fazer.

LOPES – Não te digo. Eu não disse nada.

HENRIQUES – Vocês só se lembram de mim quando têm problemas. *Human resources, human resources*, é isso que eu faço, é o meu trabalho. Gostava que reflectissem sobre isso da próxima vez que decidirem cortar nas despesas.

LOPES – *(Vendo que vai começar o choradinho.)* Não comeces.

HENRIQUES - É a base de qualquer empresa. E não me digas que não comece. Eu sou o cirurgião. Se me obrigam a cortar nas despesas eu corto-vos uma perna, na boa. Não tenho nenhum problema. Mas depois não se queixem porque só com uma perna / não podem dançar.

LOPES – Deixa-te de metáforas e arranja alguém para substituir a Karen.

HENRIQUES – E tu lembra-te do que te disse quando chegares a Director Geral.

SILVESTRE – Vão fazer-te Director Geral?

*(Pausa. Pela primeira vez HENRIQUES e LOPES parecem aperceber-se da presença de SILVESTRE.)*

LOPES – Ele só disse por dizer.

SILVESTRE – Ouvi dizer que te vão promover.

LOPES – Ouviste mal.

SILVESTRE - Tu não estiveste na Alemanha? *(LOPES não responde)* Alguém me disse. *(para HENRIQUES)* Foste tu?

LOPES –Fui eu que te disse.

HENRIQUES – Foram para os copos.

SILVESTRE – Quem?

HENRIQUES – Ele e uma miúda que contava anedotas em alemão.

SILVESTRE – Tu falas alemão?

LOPES – Estão à procura de pessoas mais jovens.

SILVESTRE – Mais jovens que quem?

HENRIQUES – Trinta e cinco ponto quatro.

SILVESTRE – Que é isso?

HENRIQUES – *(Sarcástico.)* A idade com que se reformam.

LOPES – Cala-te.

HENRIQUES – Eu também já tive trinta e cinco ponto quatro.

SILVESTRE - *(Cumprimentando alguém.)* Olá.

HENRIQUES – Queres provas, dou-te provas.

LOPES – *(Para SILVESTRE.)* Quem é que estás a cumprimentar?

SILVESTRE – *(Orgulhoso.)* Não o conhecem?

HENRIQUES – É o camelo.

SILVESTRE – É o meu Chefe de Vendas.

LOPES – O teu Chefe de Vendas?

SILVESTRE – É novo. Alemão.

HENRIQUES – Trinta e cinco ponto quatro.

LOPES – *(Para HENRIQUES.)* De onde é que ele saiu?

HENRIQUES – Do elevador.

SILVESTRE – Foi contratado por um *headhunter*.

LOPES – (Para HENRIQUES.) E porque é que tu não me disseste nada?

HENRIQUES – Eu disse-te. O que acontece é que tu não me ouves.

SILVESTRE – Tem um *curriculum* impressionante.

LOPES – Tu já tens um Chefe de Vendas.

SILVESTRE – Criaram outra área de negócios.

LOPES – Quem?

SILVESTRE – Nós.

LOPES – Não têm volume para justificar outra área de negócios.

SILVESTRE – Previmos um forte crescimento da produção.

LOPES – De quem é que foi a ideia?

SILVESTRE – Dos alemães.

HENRIQUES – Não é alemão.

LOPES – Dos alemães?

SILVESTRE – Fala alemão perfeitamente.

HENRIQUES – Os pais dele não são alemães. Eu vi o bilhete de identidade dele.

LOPES – É absurdo.

SILVESTRE – Nasceu na Alemanha.

HENRIQUES – Estou a dizer-te que não é alemão. Nascer na Alemanha não te torna alemão.

SILVESTRE – Eu acho que sim.

HENRIQUES – Tu és economista. O que realmente conta é o *ius sanguinis*.

SILVESTRE – A mim parece-me que se os teus pais têm uma casa nos arredores de Düsseldorf e a tua mulher é alemã (tu também és alemão)

LOPES - Parem com isso.

*(HENRIQUES e SILVESTRE calam-se.)*

SILVESTRE - Tenho aula de inglês.

LOPES - *(Fazendo-lhe sinal para ir.)* Não te atrases.

SILVESTRE - A Sharon diz que eu devia praticar com alguém fora das aulas.

*(HENRIQUES e LOPES fazem de conta que não ouviram. SILVESTRE sai.)*

LOPES – Já sei, passei-me. Mas tu ouviste o que ele disse? Querem criar outra área de negócios. Se nem sequer têm volume para justificar uma.

HENRIQUES – Não é alemão.

LOPES – Mas que caralho me importa se é alemão ou não. É um erro. Não podem prever um crescimento da produção, é impossível, mas qual crescimento?

HENRIQUES – Desembarcam como se isto fosse a Normandia.

LOPES – Eram americanos, imbecil. *(Explica.)* Foram os americanos que desembarcaram na Normandia.

HENRIQUES – Eu também tinha preferido que fossem americanos.

LOPES – O Silvestre é um camelo. Como diabo é que chegou a Director Comercial?

HENRIQUES – Foi o Souselas que o promoveu.

LOPES – É um camelo. Está a deixar que lhe comam as papas na cabeça enquanto o seu novo e flamejante Chefe de Vendas se dá ao luxo de ir tomar pequeno-almoço como se fosse um director.

HENRIQUES – Estão a cumprimentar-te.

LOPES – Quem?

HENRIQUES - A tua secretária.

### **Cena 13**

**Hora aproximada: 11h45**

**Lugar: terraço**

**SOUSELAS (Director Geral) e CAMELO (Chefe de Vendas)**

*(Entra SOUSELAS com um saco de plástico na mão. Depois de se assegurar que não está mais ninguém no terraço tira do saco umas calças e uma camisa novas que ainda têm pendurada a etiqueta da loja. Senta-se num parapeito e tira primeiro os sapatos e depois as calças. Nesse preciso momento entra CAMELO. Traz algo nas mãos. Quando vê SOUSELAS, guarda-o rapidamente nos bolsos das calças. SOUSELAS apanha como pode o saco e as calças e dispõe-se a sair.)*

SOUSELAS – Desculpe. *(Dirige-se à saída.)*

CAMELO – Não. Não se vá embora. A sério. A culpa é minha. *(Tira um maço de cigarros do bolso das calças.)* Estou a deixar. Ridículo, não é? Cheguei a convencer-me de que não seria tão difícil, mas são muitos anos de vício. *(Oferecendo-lhe um cigarro.)* Você fuma? *(SOUSELAS não responde.)* Devo parecer-lhe patético. Às vezes venho cá acima fumar um, quando já não aguento mais. Sei que não o devia fazer. Juro que me sinto culpado. *(Dá uma passa.)* Mas aqui está-se tão bem, e em casa não posso fumar. A minha mulher vigia-me. *(SOUSELAS não consegue desviar os olhos. CAMELO tira uma carteira e procura qualquer coisa, é uma fotografia. Estende-a a SOUSELAS.)* Chama-se Úrsula. Conhecemo-nos na Universidade, no segundo ano.

SOUSELAS - É bonita.

CAMELO - Quando lhe disse que me convidaram a vir para aqui ela disse que não, de maneira nenhuma. Onde é que eu tinha a cabeça? A Úrsula às vezes consegue ser muito intransigente. Mas eu disse-lhe que achava que era uma boa oportunidade, mas para quem?, disse ela. Para toda a gente, meu amor, disse-lhe eu. Ela disse-me que ia pensar nisso. Foi então que lhe apareceu aquela erupção cutânea e o médico disse que era alergia. Alergia a quê? A tudo e a nada. Disse que ela precisava de descansar, que estava estressada. Por isso trouxe-a cá de fim-de-semana, para conhecer a cidade e relaxar. Não quis sair do hotel. Disse que era a cidade, fazia-lhe medo. Hoje em dia na rua pode acontecer qualquer coisa, tanto aqui como em Berlim. Quando voltámos a alergia espalhou-se por todo o corpo, fomos a um especialista, está a ver, e ela começou a tomar medicação e parecia que isso a acalmava. E então um dia ela não se quis levantar, passou o dia inteiro na cama e a noite e o dia seguinte. Telefonei ao especialista. Ele foi lá a casa. Esteve um bocadinho com ela no quarto e quando saiu disse-me que o melhor que podíamos fazer era ficar na Alemanha, que não a obrigasse a mudar, que isso a estressava. Um dia ao voltar do trabalho sentei-a no meu colo e disse-lhe, tu sabes como te amo, eu fazia qualquer coisa por ti, qualquer coisa, e é verdade que faria qualquer coisa por ela, pede-me o que quiseres, disse-lhe eu, o que tu quiseres e eu faço, prometo, mas preciso deste trabalho.

SOUSELAS - E o que é que ela lhe pediu?



CAMELO - Que deixasse de fumar. *(Pausa. Fuma com grande deleite o seu cigarro.)* As mulheres são assim. Fazíamos qualquer coisa por elas. Não acha? Sabia que o cérebro das mulheres está muito mais desenvolvido do que o nosso? Está provado cientificamente. São, objectivamente, mais inteligentes do que nós. Para além de nos ganharem em generosidade, envolvimento emocional e força de espírito. Sim senhor, alguém investiu muito tempo a desenhá-las. Às vezes, não sei, às vezes penso que pura e simplesmente vimos de planetas diferentes. Nelas é tudo tão autêntico, não acha? Tão... Como se pertencesse a outra cultura, diria eu, é étnico, racial, não sei, é outra galáxia. Não acha? Sempre pensei que o mundo funcionaria muito melhor se fossem elas que o governassem, sinceramente, quer dizer, olhe à sua volta, só vai ver homens, homens nos quadros superiores, por todo o lado, homens com o poder nas mãos, agora volte a olhar e veja bem a quantidade de camelos que encontra. Quantos destes homens sabem fazer o seu trabalho, quantos diria que têm uma inteligência acima da média? As mulheres faziam-no melhor, são seres maravilhosos. O senhor é casado?

SOUSELAS – Não.

CAMELO – Sozinho também se está bem.

SOUSELAS – E a sua mulher? Já está melhor?

CAMELO – A alergia ainda não passou completamente, mas está melhor. Diz que na rua não se sente segura. Mas eu já lhe disse que não precisa de sair, pode ficar em casa o tempo que quiser. Ela gosta da casa. E eu sem ela não podia viver. Bem, acho que vou aproveitar que me apanhou para abandonar esta minha atitude tão pouco adulta e voltar ao trabalho. *(Atira a beata ao chão e pisa-a.)*

SOUSELAS – Têm filhos?

CAMELO – Sim. Um menino e uma menina.

SOUSELAS – Já devem estar na escola.

CAMELO – *(Acena que não.)* Eles também não querem sair de casa. Quer ver uma fotografia? *(Leva a mão ao bolso do casaco.)*

SOUSELAS – *(Indica que não é necessário.)* Já sei como é uma criança.

CAMELO – Naturalmente. Às vezes os pais são um bocado chatos. Bem, o melhor é ir-me embora e desculpe-me, peço-lhe, a culpa foi minha. Não sente?

SOUSELAS - O quê?

CAMELO - Cheira a....

SOUSELAS - A quê?

CAMELO - Nada.

*(CAMELO faz tenção de sair mas volta para trás.)*

CAMELO - A ambientador.

*(CAMELO sai. SOUSELAS deixa cair a roupa e o saco e apanha a beata do chão.)*

## **Cena 14**

**Hora aproximada: 12h15**

**Lugar: pequena sala de reuniões**

PROFESSORA DE INGLÊS (SHARON) – *(Voz off.) The pencil is on the table.*

### **Cena 15**

**Lugar: gabinete de SOUSELAS**

**MONIKA (Secretária da Direcção Geral)**

*(Toca o telefone de SOUSELAS. MONIKA olha-o sem encontrar forças para atender.)*

MONIKA – *(Compungida.)* Estamos a ficar mal vistos. Muito mal vistos.

### **Cena 16**

**Lugar: pequena sala de reuniões**

**SILVESTRE (Director Comercial)**

SILVESTRE – *(Voz off.)* The pencil is on the table. This morning I come by bus.

PROFESSORA DE INGLÊS (SHARON) – *(Voz off.)* This morning I came by bus.

### **Cena 17**

**Hora aproximada: 12h45**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística) e HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

*(LOPES fala com a sua secretária através do intercomunicador. HENRIQUES interrompe-o constantemente.)*

HENRIQUES - Despede-o.

LOPES – Não posso. Olga... Olga!

OLGA – Diga.

LOPES – Não me traz as mensagens novas?

HENRIQUES - Tu és o Director Geral.

LOPES – Não, não sou. Olga, ouviu o que eu lhe disse?

OLGA – Sim, senhor Engenheiro. Não tem mensagens.

HENRIQUES - O Souselas não está operacional. Tu és o Director.

LOPES – Não telefonou ninguém?

OLGA – Não, senhor Engenheiro.

HENRIQUES - Aquele gajo é um camelo.

LOPES – Nenhum telefonema da Alemanha? *(OLGA não responde.)* Olga, é quase meio-dia.

OLGA – Eu sei, senhor Engenheiro, mas não telefonou ninguém. Não há mensagens.

LOPES – E a correspondência?

OLGA – Não há correspondência.

LOPES – Olga, vá lá abaixo e traga o correio.

OLGA – Já fui.

LOPES – E não havia nada?

OLGA – Revistas. Quer que lhas leve?

*(LOPES desliga o intercomunicador. Silêncio.)*

HENRIQUES - Vais despedi-lo ou não?

LOPES - Queres-te calar de uma vez por todas?

HENRIQUES - Se tu não o despedires, despeço-o eu.

LOPES - Uma merda. Tu não vais fazer nada. E aí de ti que te aproximes dele.

HENRIQUES - Não sabemos quem é o gajo. E se ninguém o tiver contratado e ele for um infiltrado?

LOPES - O que é que estás a dizer? Um infiltrado?

HENRIQUES - Foste tu que disseste.

LOPES - Eu não disse isso.

HENRIQUES - Disseste que era absurdo criar outra área de negócios.

LOPES - Não disse que ele era um infiltrado.

HENRIQUES - Aquele gajo é um espião.

LOPES - O que é que estás a dizer? Chega de disparates.

HENRIQUES - E que raio é que ele estava a fazer no elevador?

LOPES - Porquê, os espiões não andam de escadas?

HENRIQUES - Ri-te, ri-te. Mas aquele camelo sabe quem somos. Sabe tudo sobre nós e nós o que é que sabemos sobre ele?

LOPES - Ele deve ter dito ao Silvestre.

HENRIQUES - Por favor. O Silvestre nem sequer sabe o nome desta empresa.

LOPES - Sabia que ele tinha sido contratado por um *headhunter*.

HENRIQUES - Vamos supor que é verdade. Porque é que eu não sabia?

LOPES - Sei lá.

HENRIQUES - Telefona para a Alemanha e pergunta-lhes.

LOPES - O quê?

HENRIQUES - Telefona e pergunta, pergunta-lhes porque é que nós não sabemos de nada. Porque é que eu não sabia.

LOPES - Eu não vou telefonar e perguntar se o Camelo é um espião.

*(HENRIQUES pega no telefone.)*

HENRIQUES - Então telefono eu.

LOPES - Paras com isso?

HENRIQUES - A mim tanto me faz. Eu não tenho nada a perder.

LOPES - Mas tenho eu. *(Tira-lhe o telefone das mãos.)* Eu já telefono, mas por enquanto não quero que te aproximes dele. Nada de despedimentos. É a minha promoção que está em causa.

HENRIQUES - Nada de despedimentos.

LOPES - E onde raio se meteu o Souselas?

## **Cena 18**

**Lugar: Marketing**

**SOUSELAS (Director Geral)**

SOUSELAS – (Marketing. Onde é que está aquele imbecil?) Oliveira! Então, que tal estamos? Oiça, estou à procura de um dos seus rapazes. Deve ser um dos novos, o que desenhou os ambientadores para carros, aquele ali? O do fundo? Perfeito, maravilhoso, não, não me acompanhe. Bom dia a todos. Não se levantem, não se levante por favor, Souselas, José Souselas, sou o seu Director Geral, o seu chefe disse-me que foi você quem desenhou isto. E o que é exactamente? Um ambientador? Nós fabricamos ambientadores, sim, mas se é um ambientador porque é que tem esta coisa aqui, como é que se chama? O difusor, isso, não me estava a lembrar. Com isto parece mais um frasco de água de colónia que um ambientador para carros, não acha? Ah não. Para si é óbvio que é um ambientador, claro. Estás-me a chamar idiota? Achas que eu não sei distinguir um ambientador de um frasco de colónia? Qual é que é o teu problema? Deixaste de fumar? Ai não fumas? Pois fazes mal, fumar ajudava-te a ter as mãos ocupadas. Ainda tu não tinhas nascido e já eu trabalhava nesta empresa e sei perfeitamente o que é um ambientador por isso responde-me a uma pergunta e é a última vez que te pergunto. Porque raio é que desenhaste um frasco de água de colónia e puseste ambientador lá dentro? Ai não desenhaste um frasco de água de colónia? Muito bem. Estás despedido, filho da puta. Ouviste? ESTÁS DESPEDIDO!

*(Ouve-se o barulho exterior.)*

## **Cena 19**

**Lugar: gabinete do LOPES**

**LOPES (Director de Logística)**

*(LOPES fala com a sua secretária através do intercomunicador.)*

LOPES – Olga...Olga!

OLGA – Diga.

LOPES – Vou comer. Se telefonarem da Alemanha estou com o telemóvel.

OLGA – Senhor Engenheiro.

LOPES – Sim?

OLGA – E eu quando é que vou comer?

*(Respiração de OLGA esperando uma resposta.)*

## **Cena 20**

**Lugar: em frente ao elevador**

**LOPES (Director de Logística) e CAMELO (Chefe de Vendas)**

*(Esperam o elevador.)*

CAMELO - Vai almoçar?

LOPES - E você?

CAMELO - Eu já almocei. Disseram-me que estive na Alemanha.

LOPES - Querem promover-me.

CAMELO - Eu sei. Ouvi falar.

LOPES - Ouviu falar?

CAMELO - Da sua viagem à Alemanha.

LOPES - O Silvestre fala muito.



CAMELO - É verdade, mas não foi ele que me disse. Na Alemanha não se fala de outra coisa.

*(Ouve-se o aviso do elevador. CAMELO entra.)*

CAMELO - Não entra?

LOPES - Eu desço pelas escadas.

CAMELO - Até já.

*(A porta do elevador fecha-se. LOPES fica com cara de camelo.)*

*(O barulho exterior aumenta. Desta vez durante um bom bocado. A luz muda. Já ultrapassámos a barreira do meio-dia.)*

## **Cena 21**

**Hora aproximada: 14h00**

**Lugar: gabinete de SOUSELAS**

**MONIKA (Secretária da Direcção Geral)**

MONIKA – Veio esta manhã. Dei-lhe os bons dias. Como todas as manhãs. Gosto de ser bem educada, acho que é importante. Ele perguntou-me: “Que horas são?” “São nove horas”, disse eu. “Merda” *(Embarga-se-lhe a voz.)* disse ele, fechou a porta e foi-se embora.

## **Cena 22**

**Hora aproximada: 14h15**

**Lugar: casa-de-banho dos Homens**

**SOUSELAS (Director Geral) e HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

*(SOUSELAS sai de um dos cubículos. Traz o saco de plástico na mão e as calças novas vestidas ainda com a etiqueta pendurada. Enfia o saco num caixote de*

*lixo. Em seguida tira um lenço do bolso das calças. Desdobra o lenço e do seu interior tira uma beata. Do outro bolso tira umas chaves. O chaveiro tem a forma de um carro e é também isqueiro. Ele olha à sua volta. Tenta levar a beata à boca e acende o isqueiro. Entra HENRIQUES.)*

HENRIQUES – Porque é que não atendes o telemóvel?

*(SOUSELAS nervoso, atira a beata ao chão e pisa-a. HENRIQUES dirige-se ao urinol e prepara-se para urinar.)*

SOUSELAS – Que telemóvel?

HENRIQUES – Há uma hora que ando à tua procura. A tua secretária diz que não te viu o dia todo.

SOUSELAS – Anda nervosa.

HENRIQUES – Já te disse mil vezes. Damos-lhe a reforma antecipada e arranjam uma miúda mais nova que fale línguas.

SOUSELAS – Ela fala alemão.

HENRIQUES – Porque é alemã, era só o que faltava que não falasse alemão. Ela levava umas massas e o novo Director Geral herdava uma secretária mais bem preparada. *(HENRIQUES apercebe-se que SOUSELAS o observa enquanto urina.)* O que é que estás a fazer?

SOUSELAS – Vim procurar a minha carteira. Acho que a perdi. E tu? Que fazes?

HENRIQUES – Mijo.

*(O ruído da urina de HENRIQUES chocando contra a parede do urinol atravessa o pesado silêncio.)*

HENRIQUES – O Lopes já voltou da Alemanha.

SOUSELAS – Eu sei.

HENRIQUES – Andou metido com uma alemã trinta e cinco ponto quatro.

*(HENRIQUES acaba de urinar.)*

HENRIQUES – *(Voltando-se para SOUSELAS.)* Despediste um miúdo do Marketing?

SOUSELAS – Como...?

HENRIQUES – Tu ouviste. *(SOUSELAS não responde.)* Mas o que é que tu queres? Afundar a empresa? Sabes a merda em que estamos metidos?

SOUSELAS – Não é caso para tanto.

HENRIQUES – Não é caso para tanto? É um despedimento sem justa causa, os sindicatos vão-se atirar a nós.

SOUSELAS – Ele insultou-me. Chamou-me cabrão.

HENRIQUES – E tu vais e despedes o gajo.

SOUSELAS – Não. Eu já o tinha despedido. “Estás despedido, filho da puta”, disse-lhe eu. E o grandessíssimo imbecil vai e chama-me cabrão porque disse que o insultei, que lhe faltei ao respeito...

HENRIQUES – Chamaste-lhe filho da puta?

SOUSELAS – Eu fiz o que tinha de ser feito.

HENRIQUES – Chamaste-lhe filho da puta?

SOUSELAS – E então? Ainda tu não tinhas nascido já se empalavam pessoas aqui. Sabes o que quer dizer empalar?

HENRIQUES - O mundo avança.

SOUSELAS - Para onde?

HENRIQUES - Sei lá eu. Para as novas gerações.

SOUSELAS - As novas gerações. Sabes qual é o problema das novas gerações? Os anúncios de água de colónia. Pensam que alguém os desenhou para serem originais. Nunca houve nada assim na História da humanidade. São a hóstia. Deus perdoou-lhes todos os pecados. Não podem nunca ser castigados porque não aceitam responsabilidades e se tiverem alguma coisa a dizer... Podem dizê-lo em qualquer língua, Francês, Inglês, Alemão, como na merda de um anúncio de colónia.

HENRIQUES - Se querias despedi-lo devias-me ter dito.

SOUSELAS - Da próxima vez mando-lhe um mail e que se foda.

HENRIQUES – Sou o teu Director de Recursos Humanos.

SOUSELAS – Despedi-o em pessoa, que mais é que ele quer? Uma mamada?

HENRIQUES – E despediste-o em frente a todo o departamento de marketing.

SOUSELAS – E então?

HENRIQUES - Em tribunal são todos testemunhas.

SOUSELAS - São todos uns filhos da puta.

HENRIQUES – O Oliveira está no hospital.

SOUSELAS - O que é que lhe aconteceu?

HENRIQUES - Rebentou-lhe uma artéria.

SOUSELAS - Mas eu falei com ele (ainda há bocado)

HENRIQUES - Foi por isso que lhe rebentou uma artéria. *(Pausa.)* E agora o que é que fazemos?

SOUSELAS - Se está no hospital podemos mandar-lhe flores.

HENRIQUES - Estou a falar do gajo que tu despediste.

SOUSELAS - Dêem-lhe um charuto, foda-se. Acabou-se o ser simpático. Já estou com isto pelos cabelos. Vai ter com esse desgraçado e diz-lhe da minha parte que: 1. pode dar graças a Deus porque há dez anos atrás tínhamo-lo empalado e 2. se ele tiver coragem de nos processar por assédio, nós acusamo-lo de sabotagem industrial e logo nos vemos no tribunal.

HENRIQUES - Estás a gozar?

SOUSELAS - Sou o Director Geral desta empresa e a mim ninguém, absolutamente ninguém, me chama cabrão.

*(Barulho exterior. Não muito forte. Depois desaparece.)*

### **Cena 23**

**Hora: 14h45**

**Lugar: gabinete de SOUSELAS**

**SOUSELAS (Director Geral) e MONIKA (Secretária da Direcção Geral)**

*(SOUSELAS está sentado pela primeira vez à sua mesa. MONIKA, a sua secretária, não esconde o seu enfado.)*

MONIKA – Onde é que se tinha metido?

SOUSELAS – Na casa-de-banho.

MONIKA – Desculpe?

SOUSELAS – Na casa-de-banho. Estava metido na casa-de-banho.

MONIKA – O telefone não tem parado de tocar.

SOUSELAS – Tinha-me metido na casa-de-banho.

MONIKA – Fiquei muito mal vista. O senhor ficou muito mal visto. Nem sequer lhes pude dar uma explicação de porque é que nunca estava no seu gabinete.

SOUSELAS – Agora já cá estou.

MONIKA – Pode dizer-me uma coisa?

SOUSELAS – Claro. O que é que quer que eu lhe diga?

MONIKA – Se telefonarem, se voltarem a telefonar, se alguém, se apesar de tudo, se... (*MONIKA desata a chorar.*) *Wir hinterlassen einen sehr schlechten Eindruck. Sind Sie dessen nicht bewusst? Wir hinterlassen einen sehr schlechten Eindruck. Was wollen Sie von mir? Was wollen Sie denn eigentlich? Ich kann nicht mehr, kann nicht mehr...* <sup>1</sup>(*MONIKA recompõe-se.*) Se telefonarem o que é que eu lhes digo?

SOUSELAS – Passa-me a chamada.

MONIKA – Muito bem.

SOUSELAS – Eu atendo.

---

<sup>1</sup> Estamos a ficar mal vistos. Será que não está a perceber? Estamos a ficar mal vistos. O que é que quer de mim? O que é quer afinal? Eu já não posso mais, não posso mais...

MONIKA – Muito bem.

SOUSELAS – A não ser que me tenha metido na casa-de-banho.

## **Cena 24**

**Hora aproximada: 15h00**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística) e HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

*(HENRIQUES brinca com o troféu de cristal com forma fálica. LOPES está sentado na sua mesa.)*

HENRIQUES – Sou o Director Geral desta empresa e a mim ninguém me chama cabrão.

LOPES – Foi isso que ele disse?

HENRIQUES – E depois ficou louco. Deus para aqui, as novas gerações para ali, e mais não sei o quê.

LOPES – Quem é que o ouviu?

HENRIQUES – Já te disse que estávamos os dois sozinhos. Tu não me ouves, ou quê?

LOPES – Estou a ouvir-te.

HENRIQUES – Olha que não parece.

LOPES – Já te disse que te estou a ouvir.

HENRIQUES – Então não me perguntes quem é que ouviu.

LOPES – E contigo o que é que se passa?

HENRIQUES – O que é que se passa? O que se passa é que ele queria atirar-se ao gajo e rebentou com uma artéria ao Oliveira. É isso que se passa.

LOPES – Perdeu a cabeça.

HENRIQUES – Estava a olhar-me para aquilo.

LOPES – Para quê?

HENRIQUES – Para a pila, na casa-de-banho. Eu a mijar e o gajo a olhar para mim. *(Pausa.)* Acho que ele é, estás a perceber?

LOPES – Não, não estou a perceber.

HENRIQUES – Confessou-me que lhe queria fazer uma mamada.

LOPES – A quem?

HENRIQUES – Ao tal filho da puta.

LOPES – Não pode ser.

HENRIQUES – Porque não? A maior parte dos cabrões são, estás a perceber? Não estou a inventar. Está provado cientificamente. Se és aquilo tens muito mais hipóteses de ser um cabrão. Olha o Hitler. O maior cabrão da História, e vai-se a ver e fez aquilo tudo porque era, estás a perceber?

LOPES - Porque é que dizes estás a perceber?

HENRIQUES - Não gosto daquela palavra.

*(Silêncio. LOPES está preocupado.)*



LOPES – Telefona-lhe e pede-lhe desculpa.

HENRIQUES - Não fui eu que o despedi.

LOPES - Diz-lhe que o vamos readmitir.

HENRIQUES - Não vai aceitar. O gajo estava furioso.

LOPES - Dá-lhe o que ele quiser, aumenta-lhe o salário, oferece-lhe o teu lugar se for preciso, e se tiveres de lhe fazer uma mamada faz, mas eu quero esse gajo aqui e quero-o contente, estás a perceber?

HENRIQUES - E o Souselas? Se ele souber (que o readmitimos)

LOPES - Que se foda. O Souselas daqui a uns dias já cá não está.

*(Silêncio.)*

HENRIQUES – A que género de sítio é que te levaram?

LOPES – Já te disse.

HENRIQUES – Não era um restaurante?

LOPES – Não.

HENRIQUES - Ah. Estou a dizer porque se vais jantar fora e tomas um copo no mesmo restaurante, dizer que foste para os copos (é um bocado puxado)

LOPES - Era um desses sítios que estão na moda. E não era um restaurante.

HENRIQUES – Um bar.

LOPES – Não sei. Um sítio, pronto.

HENRIQUES – *(Depois de uma pausa.)* Comeste a gaja?

LOPES – Rua.

HENRIQUES – Estamos a falar de ir para os copos. Quero saber se realmente foste para os copos ou se foste só tomar um copo. É diferente. Quero saber se comeste a gaja. Eu tinha-a comido.

LOPES – Pois eu não.

HENRIQUES – Como é que ela era?

LOPES – Quem?

HENRIQUES – Ela.

LOPES – Não sei. Normal.

HENRIQUES – E que mais?

LOPES – Eu não queria. A verdade é que estava tão cansado que nem pensei nisso. Mas ela abriu as pernas. Assim sem mais. Era só meter e voltar a tirar.

HENRIQUES – E foi o que fizeste.

LOPES – E foi o que fiz.

HENRIQUES – Que putas!

LOPES - É para veres.

HENRIQUES - Trinta e cinco ponto quatro?

LOPES – Vinte e cinco.

HENRIQUES – Vinte e cinco? Vinte e cinco o quê?

LOPES – Vinte e cinco anos. Achas que eu estava a falar de quê?

HENRIQUES – Não estou a perceber? Enrolaste-te com a empregada?

LOPES – Que empregada?

HENRIQUES - A do bar. O bar tinha empregadas.

LOPES - Era da empresa. É a Responsável de Formação.

HENRIQUES – A... a.... a grandessíssima filha da puta, Responsável de Formação? Mas o que é aquilo? Uma creche? Responsável de Formação, Responsável de Formação uma puta de vinte e cinco anos que nem sequer responde pelas suas próprias pernas.

LOPES – *(Referindo-se ao troféu que HENRIQUES volta novamente a pôr em perigo.)* Podes pousá-lo no sítio?

HENRIQUES – É inaudito.

LOPES – Vais parti-lo.

HENRIQUES – Vinte e cinco anos.

LOPES – Dá-me isso.

HENRIQUES – Nós aqui a esfolarmo-nos e eles levam as putas para o trabalho.

*(LOPES volta a colocar o troféu no sítio.)*

## **Cena 25**

**Hora aproximada: 16h00**

**Lugar: Casa-de-banho das Senhoras**

**CAMELO (Chefe de Vendas), MONIKA (Secretária da Direcção Geral) e**

**HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

*(CAMELO espera de pé junto à porta da casa-de-banho das Senhoras. Nesse momento passa HENRIQUES que vem do gabinete de LOPES. Cumprimentam-se.)*

HENRIQUES – (Camelo.)

*(HENRIQUES sai. CAMELO entra na casa-de-banho das Senhoras.)*

CAMELO – Boa tarde. *(MONIKA olha para ele desconcertada.)* Você é a Monika?

MONIKA – O que é está aqui a fazer?

CAMELO – Disseram-me que a podia encontrar aqui.

MONIKA - Isto é a casa-de-banho das Senhoras.

CAMELO – Eu sei. Passei pelo seu gabinete e você não estava. Disseram-me que a tinham visto sair e que provavelmente podia encontrá-la aqui.

MONIKA – Estamos a ficar mal vistos.

CAMELO – Desculpe?

MONIKA – O que é que quer?

CAMELO – Estou à procura do seu chefe. Passa-se alguma coisa consigo?

MONIKA – Está em reunião.

CAMELO – Sabe se...

MONIKA – Hoje está em reunião.

CAMELO – Até que horas?

MONIKA – Todo o dia.

CAMELO - E amanhã?

MONIKA - Amanhã também.

CAMELO - E depois de amanhã?

MONIKA - Depois de manhã também, de facto vai estar em reunião para o resto da vida. Mas não se preocupe, se eu o vir digo-lhe que anda à procura dele. *(MONIKA sai.)*

CAMELO – Eu só queria...

## **Cena 26**

**Hora aproximada: 17h00**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística) e SILVESTRE (Director Comercial)**

*(LOPES está sentado à sua mesa. SILVESTRE, sentado à frente dele, brinca com o troféu de cristal com forma fálica.)*

SILVESTRE – És o primeiro a saber. De facto eu próprio só soube hoje. Queria que soubesses antes de qualquer outra pessoa.

LOPES – Muito bem.

SILVESTRE – Ainda não disse à Cláudia. *(Pausa.)* Esta noite vou levá-la a jantar fora.

LOPES – Muito bem.

SILVESTRE - És o primeiro a saber.

LOPES - Sou o primeiro?

SILVESTRE – Sim, depois de mim, claro.

LOPES – Claro. Muito bem. Então... *(Levanta-se.)* Posso ter a honra de ser o primeiro a felicitar-te?

SILVESTRE – *(Levantando-se também.)* Sim, claro, claro que sim.

LOPES – *(Estende a mão a SILVESTRE.)* Felicidades.

SILVESTRE – *(Pousa o troféu sobre a mesa e estende-lhe a mão.)* Obrigado.

LOPES – Muitas felicidades.

SILVESTRE – Pensava que já tinha vivido tudo nesta empresa.

LOPES – Tu mereces. Ninguém o merece tanto como tu.

SILVESTRE – Queria que soubesses antes de qualquer outra pessoa. Que fosses o primeiro.

LOPES – Sou o primeiro. Depois de ti, claro.

SILVESTRE – Claro.

*(LOPES e SILVESTRE dão o cumprimento por concluído e voltam a sentar-se. Silêncio.)*

SILVESTRE – De facto tem sentido, não achas? Com duas áreas de negócios...

LOPES – Não há volume suficiente...

SILVESTRE – Se pensasse que não deixava isto em boas mãos, era diferente, não me ia embora descansado, percebes? Esta empresa foi tudo para mim.

LOPES – Estes miúdos são bons, estão bem preparados, têm pujança.

SILVESTRE - E falam um monte de línguas.

LOPES - Vai ser um novo desafio para ti.

SILVESTRE – Foram quase vinte anos à frente desta empresa.

LOPES – Não te vais embora completamente.

SILVESTRE – Entrámos juntos, lembras-te?

LOPES – É uma nova frente mas a guerra é a mesma.

SILVESTRE – Queria que tu fosses o primeiro.

LOPES – E sou, sou o primeiro.

*(Silêncio. LOPES espera ansiosamente que a conversa acabe mas SILVESTRE parece ter todo o tempo do mundo.)*

LOPES – Já assinaste?

SILVESTRE – Não, ainda não, vamos fazer isso lá para o fim da semana.

LOPES – Muito bem.

SILVESTRE – As condições são realmente inexcedíveis.

LOPES – Isso é importante.

SILVESTRE – Mas gostava ainda de as negociar.

LOPES – Firme como uma rocha até ao fim.

SILVESTRE – *(Sem grande convicção.)* Sim.

LOPES - E o salário?

SILVESTRE - Vão subi-lo.

LOPES – Tu mereces.

SILVESTRE – Ainda não disse à Cláudia. Telefonei-lhe há bocado e disse-lhe, Cláudia põe-te bonita que esta noite levo-te a jantar fora. Ela queria saber porquê. Mas eu calei-me que nem um rato. Vais ver quando eu lhe disser, vai ficar doida, ela acha que o seu marido já não é capaz de a surpreender.

*(Riem.)*

LOPES – É uma boa oportunidade.

SILVESTRE – Sim. *(Pausa. SILVESTRE começa a brincar novamente com o troféu.)*  
Pensava que ia ser pior.

LOPES – O quê?

SILVESTRE – As coisas. Não sei, pensava que as coisas, no final, iam ser de outra maneira. Tu sabes. Conheces a situação melhor do que eu.

LOPES – Não sei do que é que estás a falar.



SILVESTRE – Tudo o que se passou não pode ser bom.

LOPES – Não se passou nada.

SILVESTRE – Há meses que tomo tranquilizantes e ainda não consigo dormir. Passo as noites em branco, não consigo, sabes, deixar de dar voltas na cama. Dizem que para dormir bem é preciso ser boa pessoa.

LOPES – Silvestre, não sei do que é que estás a falar.

SILVESTRE - Esta merda toda não pode ser boa. Estamos a atravessar um campo minado, nunca tinha tido esta sensação.

LOPES – Que sensação?

SILVESTRE – Esta... como se fosse feito de papel, como se todo eu, as minhas pernas, os meus braços, a minha cabeça, como se todo eu fosse feito de papel, como se fosse um boneco de papel e alguém me ameaçasse com um fósforo. Tenho de confessar-te uma coisa.

LOPES – Não é preciso.

SILVESTRE – Sim, quero dizer-te.

LOPES – Estou com um bocado de pressa.

SILVESTRE – Ultimamente não fazia nada, quero dizer, não tinha trabalho.

LOPES – Vá lá... A sério, estou atrasado para uma reunião.

SILVESTRE – Nada, quero dizer, muito pouco. Percebes? Sou o Director Comercial, é suposto a produção estar a crescer e eu não tinha trabalho. Nem telefonemas, nem mensagens, nem correspondência, nada. Como é que havia de dormir? *(Pausa.)* Estou contente por ir embora. Aqui já não me sinto

bem. Esta manhã... no autocarro... percebi tudo. *(Pausa.)* As pessoas odeiam-nos. Tudo o que fizemos nestes últimos anos...

LOPES – Que pessoas?

SILVESTRE – Eles sabem, sabem o que aconteceu, o que fizemos, sabem que fomos nós.

LOPES – Nós não fizemos nada.

SILVESTRE – Agora tanto faz.

LOPES – Nós só fizemos o nosso trabalho. Este é o nosso trabalho e nem sempre corre bem.

SILVESTRE – Odeiam-nos e têm razão.

LOPES – De quem é que estás a falar?

SILVESTRE – *(Para si)* O que é que fizemos? Não está certo o que fizemos, não está certo. Não podes destruir a vida das pessoas e depois fazer de conta que *(não foi nada)*

LOPES – Não sei o que é tu fizeste, mas eu não fiz nada.

SILVESTRE – Foi tão fácil, não achas?

LOPES – Não sei de que raio é que estás a falar.

SILVESTRE – Tudo, comer-lhes os filhos, hipotecar-lhes as casas, eram bonecos de papel e nós pegámos-lhes fogo, eles sabem, o velhinho do autocarro sabia...

LOPES - *(Referindo-se ao troféu.)* Cuidado.

SILVESTRE – Cabrão, chamou-me cabrão. Sabia quem eu era. Foi por isso que me insultou.

LOPES – Silvestre.

SILVESTRE – Sim?

LOPES – *(Fazendo tenção de levantar-se.)* Estão à minha espera.

SILVESTRE – *(Levantando-se.)* Pronto. Desculpa. Não te queria empatar. Desculpa.

LOPES – Lamento, mas tenho de ir.

SILVESTRE – Só queria que soubesses antes de qualquer outra pessoa. Não queria que soubesses por outros.

LOPES – *(Referindo-se ao troféu.)* Deixa-o aqui. Felicidades mais uma vez.

SILVESTRE – Obrigado.

LOPES – Fico contente por ter acabado tudo bem.

SILVESTRE – Sim.

LOPES – *(Referindo-se ao troféu.)* Dá cá isso.

SILVESTRE – Já o pouso.

*(O troféu cai ao chão e parte-se. Silêncio. SILVESTRE vai-se abaixo e começa a chorar, silenciosamente. LOPES olha-o fixamente. SILVESTRE não diz nada. LOPES também não. SILVESTRE chora. LOPES não. Durante um bom bocado.)*

*(Volta o barulho exterior.)*

### **Cena 27**

**Hora aproximada: 17h10**

**Lugar: gabinete de HENRIQUES**

**HENRIQUES (Director de Recursos Humanos)**

*(HENRIQUES fala com a sua secretária pelo telefone.)*

HENRIQUES – Lídia... Lídia! Traga-me um mapa. Não, da Europa não, um mapamundi.

### **Cena 28**

**Lugar: pequena sala de reuniões**

PROFESSORA DE TAILANDÊS – *(Voz off.) Park-ga yu bom toh tam-ngan.*

### **Cena 29**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística)**

*(LOPES fala através do intercomunicador.)*

LOPES – Olga. Ligue-me à Alemanha e pergunte por Katrin Stähle. É a Responsável de Formação na Alemanha. Quando a tiver localizado passe-a imediatamente e se eu não estiver dê-lhe o meu número de telemóvel e diga-lhe para me contactar. Diga-lhe que é urgente. Entendeu? Katrin Stähle, Responsável de Formação. *(Silêncio.)* Olga, ouviu? *(Silêncio.)* Olga! Olga!

*(LOPES levanta-se, vai até à porta e abre-a. Do outro lado está uma mesa e um intercomunicador. A cadeira de OLGA está vazia.)*

*(Continua o barulho exterior.)*

### **Cena 30**

**Hora aproximada: 17h20**

**Lugar: gabinete de HENRIQUES**

**HENRIQUES (Director de Recursos Humanos) e LOPES (Director de Logística)**

*(LOPES e HENRIQUES procuram algo no mapamundi que têm aberto sobre a mesa. HENRIQUES manipula um grafador nervosamente.)*

HENRIQUES – Não encontro.

LOPES – Tem de estar por aqui.

HENRIQUES – Tens a certeza que é na Ásia?

LOPES – Claro que é na Ásia. Já mandámos gente para lá antes. Olha, está aqui.

HENRIQUES – Onde?

LOPES – Aqui.

HENRIQUES – Aqui não há nada.

LOPES - É aqui, na Tailândia.

HENRIQUES - Não acredito.

*(LOPES aproxima-se da janela atraído pelo ruído que vem do exterior. HENRIQUES continua a observar o mapa.)*

LOPES – Disseram-lhe hoje.

HENRIQUES - Ele que diga que não. Que o despeçam. Ele há-de arranjar outro emprego.

LOPES - Quem, o Silvestre?

*(HENRIQUES observa o mapa. Não consegue acreditar. Os seus dedos mexem nervosamente no agrafador. LOPES olha pela janela.)*

HENRIQUES – Tailândia. E que raio é que eles falam na Tailândia?

LOPES – Tailandês, acho eu.

HENRIQUES – Tailandês?!

*(LOPES não responde. HENRIQUES fecha o atlas, aborrecido.)*

HENRIQUES - A mim não, a mim não me vão fazer isto. Que me despeçam. Ouviste? Que me paguem o que me devem e vão todos apanhar no cu.

LOPES – Nos últimos tempos passava-lhe tudo ao lado.

*(O barulho exterior vai aumentando.)*

LOPES - Disse que as pessoas o odeiam. Mas quais pessoas? Mas claro ele não fala de alguém em concreto, alguém com nome e apelido. Fala das pessoas, em geral, como conceito. *(Pausa.)* As coisas nem sempre correm como nós planeámos. E não podes parar a pensar nas pessoas que deixas para trás. Lamento, mas assim não se consegue trabalhar.

HENRIQUES - Com este barulho não consigo pensar.

*(O barulho exterior desaparece subitamente, como se o vento tivesse fechado todas as janelas do edifício de um só golpe.)*

HENRIQUES – Uma merda, é o que é, uma grande merda. Já não precisam de nós, é isso que nos estão a dizer. Há meses que nos tentam mostrar que já não precisam de nós.

LOPES – Se isso fosse verdade, já nos tinham posto na rua.

HENRIQUES - E porquê? Porque é que haviam de nos pôr na rua? Se fizemos tudo bem, ninguém diz o contrário. Não, vão dar-nos uma medalha, é isso que vão fazer, vão dar-nos uma medalha e nós até lhes beijamos o cu, eu vou ser o primeiro a beijar-lhes o cu, desde que me enviem para qualquer lado, onde quer que seja, estou disposto a ir para a Tailândia se for preciso. Podem mandar-nos para um sítio onde ninguém nos conheça, um sítio que nem sequer esteja no mapa. E nada de indemnizações. Eles nunca quiseram isso, vamos chegar a um acordo e pronto... E depois vão esperar, vão esperar como sempre fizeram, e vai chegar o dia, um dia em que já não aguentamos mais aquilo e queremos voltar para casa. E aí acabou. UMA MERDA! TUDO! UMA MERDA!

LOPES - Dá-me isso. *(LOPES tira-lhe o agrafador das mãos.)*

HENRIQUES - Estão a comprar o nosso silêncio, querem-nos contentes, enviam as suas putas alemãs para fodermos, para nos virmos de prazer e não pensarmos que nos estão a ir ao cu. VOCÊS ESTÃO-NOS A IR AO CU, CABRÕES!

*(LOPES agarra a mão de HENRIQUES, segura-a sobre a mesa e agrafa-a. HENRIQUES grita. LOPES solta-o. HENRIQUES agarra a mão e chora de dor.)*

HENRIQUES – A mão. Deste-me cabo da mão.

LOPES – É só um agrafão.

HENRIQUES – Estou a sangrar.

LOPES – Estavas a delirar.

HENRIQUES – Estás louco! Estás completamente passado.

*(LOPES volta-se bruscamente e agarra HENRIQUES pelo pescoço. HENRIQUES assusta-se. Já não se lembra da mão.)*

LOPES - Só te estou a ajudar. Ouviste? Tu ainda te ias magoar mais.

*(Solta-o. Silêncio.)*

LOPES - E pensas que ir à Alemanha foi fácil? Aguentar os seus olhares, saber desde o primeiro momento que tu não és a pessoa que eles esperavam. Podiam ter-me mandado embora. Mas não. Tive de ir a todas as entrevistas, já tinham gasto dinheiro comigo, um bilhete de avião em primeira classe, para não falar do hotel. E eu ouvia-os falar entre eles. Cada segundo que passava eles perguntavam-se "que raio é que estamos a fazer com este gajo?". E cada vez que alguém abria a porta e vinha ter comigo com o melhor dos sorrisos eu sabia o que é que vinha a seguir: "Engraçado, pensava que você era mais novo". Engraçado, eu também.

HENRIQUES – Eu consigo contratar um Chefe de Vendas.

LOPES – Claro que consegues.

HENRIQUES – Bastava terem-me pedido.

LOPES – Quem é que quer saber disso?

HENRIQUES – Não era preciso ir buscar um *headhunter*.

LOPES – Foi a empresa que o contratou.

HENRIQUES – Porque é que não me comunicaram?

LOPES – Sabes como é que se chama a miúda que trata do correio, a nova? Eu não, e estou-me a cagar, não estou à espera de um comunicado, boas vindas, etc, etc, quero que se foda.

HENRIQUES – Encontrei-o no elevador. "Dr. Henriques? Disseram-me que o podia encontrar aqui." "No elevador?" perguntei eu. "Permita que me



apresente, sou o novo Chefe de Vendas" (*O telemóvel de LOPES toca.*)  
Camelo!

LOPES – (*Atendendo o telemóvel.*) Sim... O que é que queres?... Onde é que estás?... E que raio fazes aí embaixo?

HENRIQUES – E porque é que estava à espera de me encontrar no elevador?

LOPES – O quê?... Porquê?... Como?... Não. Não... Chama a manut... Não. Se perdeste o... Então afasta-as... não estou a pensar ir, se queres afastar a merda das caixas chama o aprovisionamento, eu sou o Director de Logística, ouviste? Sou a merda do Director de Logística, eu não transporto caixas! (*Desliga o telemóvel.*) Tenho de ir embora. Põe qualquer coisa na mão antes que infecte.

HENRIQUES – Sim, eu ponho. (*Pausa.*) Já sei que não queres saber mas a miúda dos correios chama-se Maria.

LOPES – Já sei.

HENRIQUES – No outro dia estava a chegar do almoço e ouvi alguém a chamar-me, viro-me e lá estava ela. Vem ter comigo a sorrir, cumprimenta-me e dá-me uma carta, à frente de toda a gente.

LOPES – E porque é que ela fez isso?

HENRIQUES – Porque não sabe quem sou.

### **Cena 31**

**Hora aproximada: 17h40**

**Lugar: armazém**

**SOUSELAS (Director Geral) e SILVESTRE (Director Comercial)**

*(SOUSELAS segura uma caixa de grandes dimensões enquanto SILVESTRE deitado no chão procura algo debaixo da caixa.)*

SILVESTRE – Aqui não há nada.

SOUSELAS – Tem de estar aqui debaixo.

SILVESTRE – Eu não vejo nada.

SOUSELAS – Eu vi-o a cair. Tens o isqueiro?

SILVESTRE – Sim, mas não... espera... já está, já o apanhei... encontrei-o.

SOUSELAS – Está inteiro?

*(SILVESTRE sai debaixo da caixa. Segura um cigarro partido na mão.)*

SILVESTRE – Lamento. *(Dá-lhe o cigarro partido.)*

SOUSELAS – O que é que estás a olhar?

SILVESTRE – Nada, lamento. *(Pausa.)* Porque é que não falas com ela?

SOUSELAS – Porque é que havia de falar?

SILVESTRE – Por...

SOUSELAS – Porque me ajudaste a encontrar um cigarro?

SILVESTRE – Não.

SOUSELAS – Nem sequer está inteiro.

SILVESTRE – Ela a ti ouve-te.

SOUSELAS – A mim?

SILVESTRE – É tua irmã.

SOUSELAS – Não fui eu que me casei com ela.

SILVESTRE – Está muito desgostosa. Eu ia explicar-lhe tudo esta noite. Ia fazer as coisas de outra maneira. Tens de falar com ela.

SOUSELAS – Não me digas o que é que tenho de fazer. Estás a ouvir? Falo com ela se me apetecer.

SILVESTRE – Vou telefonar-lhe agora mesmo.

SOUSELAS – Eu não disse que falava. *(SILVESTRE pega no telemóvel e marca um número.)* Não vou falar com ela. Estás a ouvir?

SILVESTRE – Cláudia.

SOUSELAS – Eu não quero falar.

SILVESTRE – Sou eu. Cláudia, Cláudia, por favor, não chores, não chores, Cláudia. O teu irmão está aqui. Quer falar contigo. Sim, agora mesmo, ele vai falar. *(SILVESTRE passa o telemóvel a SOUSELAS. SOUSELAS hesita e finalmente agarra o telemóvel.)*

SOUSELAS – Cláudia? Sou eu, o Zé. *(Devolvendo o telemóvel a SILVESTRE.)* Está a chorar.

SILVESTRE – Fala com ela.

SOUSELAS – *(De novo ao telemóvel.)* Cláudia. Não chores. Não chores, por favor. Queres parar de chorar? Se não paras de chorar não falo contigo. Estás a ouvir? ... Pronto. Está tudo bem?... Não... Tens razão... desculpa... está bem. Está bem. Já pedi desculpa... Não é assim tão grave... Não. Claro que não. A Tailândia é um grande país e vai receber-vos de braços abertos... Queres parar de chorar?... Não, claro que não é um castigo... Porque é que dizes isso? Ninguém o despediu. Quem é que te disse isso?... Não. O teu marido é um elemento chave desta empresa. Percebes, Cláudia? Um elemento chave. Estás a ouvir?... Ninguém o está a despedir... A mim? Quem é que te disse essa merda?... As pessoas? Que pessoas? Esses ex-fumadores de merda? Cláudia, a mim ninguém me despediu. O teu irmão ainda é o Director Geral desta empresa, estás a ouvir?... E em quem é que tu vais acreditar, caralho? Estou doente, tenho cancro nos pulmões e dão-me a reforma antecipada, é tudo... Crise? Qual crise?... Desde quando é que tu vês as notícias?... Esta empresa não é todas as empresas. Somos sólidos como uma rocha... Como assim, onde é que está? Está onde tem que estar... Como é que tu querias que nós perdêssemos o dinheiro? O dinheiro não se perde Cláudia... Não é a mesma coisa. Não é um porta-moedas, estamos a falar de milhões e milh..... Investido. Em todo o lado, está investido em todo o lado... Não, agora não o podemos recuperar... Porque não! Porque estamos em crise! Tem de ficar onde está... Como...? Já te disse. Em todo o lado... Não sei. Não sei. Não sei. Não sei onde está... *(Pausa.)* É claro que te estou a dizer a verdade. Estou a dizer-te a verdade. A verdade. Queres saber qual é a verdade?... Sim, sim, sim! Não sei onde está, perdemo-lo, sim, todo, perdemo-lo, era nosso e perdemo-lo. TUDO, PERDEMOS TUDO!

*(SOUSELAS devolve o telemóvel a SILVESTRE que assistiu ao final da conversa incrédulo.)*

SOUSELAS – Já falei com ela.

## Cena 32

**Hora aproximada: 18h00**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística)**

*(LOPES fala com a sua secretária através do intercomunicador.)*

LOPES – Olga... Olga!

OLGA – Senhor Engenheiro?

LOPES – Conseguiu falar com a Katrin Stähle?

OLGA – Agora mesmo.

LOPES – E porque é que não me ligou?

OLGA – Eu quis dar-lhe o seu número de telemóvel mas ela disse que se precisasse de alguma coisa podia falar com a sua assistente, Helga, deixou-me o seu número directo. Toma nota? É o ...

*(LOPES desliga o intercomunicador. Volta a ligá-lo.)*

OLGA - ... 3324. Repito?

LOPES - Olga, volte a ligar e passe-me a chamada.

OLGA - Mas...

LOPES - Eu disse para me passar a chamada.

*(LOPES desliga o intercomunicador. Espera impaciente. O telefone toca e ele atende.)*

LOPES – Katrin, ich bin's, Lopes. (...) Gut, und dir ? (...) Ich habe den ganzen Tag mit dir sprechen versucht. (...) Viel Arbeit. (...) Ja, hier auch. Viel Arbeit, für alle.

Bist du ok ? (...) Ja, ich auch. (...) Ich rufe dich an weil... Das letzte Wochenende, ich weiss nicht, es war sehr angenehm für mich, weisst du? Und Katrin, ich... ich habe an dich un an alles dass passiert ist gedacht und (...) Ja, natürlich. (...) Nein, es ist nicht warum ich rufe... (...) Nein (...) Natürlich (...) Ja (...) Ja (...) Ja (...) Ja (...) Ja (...) Ja.

*(LOPES desliga o telefone.)*

### **Cena 33**

**Hora aproximada: 18h30**

**Lugar: em frente ao elevador**

**HENRIQUES (Director de Recursos Humanos), CAMELO (Chefe de Vendas) e SOUSELAS (Director Geral)**

*(CAMELO e HENRIQUES esperam o elevador. O ambiente é tenso. CAMELO sorri.)*

HENRIQUES – (Camelo.)

*(Ouve-se o aviso do elevador. Os dois dirigem-se à porta para entrar, mas as portas continuam sem abrir. Inevitavelmente cruzam os olhares. Sorriem.)*

CAMELO – Que coincidência.

HENRIQUES – O quê?

CAMELO – Termos calças iguais.

HENRIQUES – Sim, que coincidência.

*(Pausa. Volta a ouvir-se o aviso do elevador mas as portas continuam sem abrir.)*

CAMELO – Mas definitivamente acho que a si lhe ficam melhor.

*(Volta a ouvir-se o aviso do elevador mas as portas continuam sem abrir.  
HENRIQUES começa a ficar nervoso. Não consegue conter-se.)*

HENRIQUES – Os seus pais não são alemães.

CAMELO – Como é que sabe?

HENRIQUES – Vi o seu bilhete de identidade. Eu sou o Director de Recursos Humanos.

CAMELO – Claro.

HENRIQUES – Emigrantes, imagino. Quando foi, nos anos sessenta?

CAMELO – Sim, Fevereiro de 68.

HENRIQUES – Quando o país estava afundado na crise económica.

CAMELO - Suponho que sim.

HENRIQUES – Não precisa de supor nada. Estou eu a explicar-lhe.  
*(Vingativo.)* Os ratos são sempre os primeiros a abandonar o navio.

*(Volta a ouvir-se o aviso do elevador.)*

CAMELO - Sabe o que é que dizem na Alemanha? Que o senhor vai acabar a vender lenços de papel na rua.

*(Desta vez as portas abrem-se e SOUSELAS sai.)*

SOUSELAS – Merda de elevador.

CAMELO – Bom dia.

HENRIQUES – *(Cumprimentando.)* Souselas.

*(HENRIQUES entra no elevador e fulmina CAMELO com o olhar, as portas fecham-se.)*

CAMELO – Engenheiro Souselas? O senhor é o Engenheiro Souselas?

SOUSELAS – O que é quer?

CAMELO – Desculpe, há bocado... não sabia que era o senhor. Sou o novo Chefe de Vendas, estou com o Dr. Silvestre, bem, estava. *(CAMELO vai para lhe estender a mão, mas SOUSELAS ignora-o.)*

CAMELO – Há bocado, a sua secretária... Ouvi falar tanto de si, de tudo o que fez à frente desta empresa e queria felicitá-lo. Sei que não foi fácil, as decisões que teve de tomar, mas... O tempo vai dar-lhe razão, pessoas como eu vão dar-lhe razão, obrigado por fazer desta empresa o que ela é, obrigado por tornar possível um projecto de futuro para mim, para a minha família e para muitas outras pessoas.

*(SOUSELAS olha para ele sem dizer nada. Tremem-lhe os lábios.)*

CAMELO - Enfim. Não o retenho mais. *(Estendendo-lhe a mão.)* Foi um prazer enorme.

SOUSELAS - *(Apertando-lhe a mão.)* Sim.

CAMELO – Venha visitar-nos um dia destes. Mora aqui perto?

SOUSELAS – Sim, não muito longe... Mas posso mudar-me a qualquer momento se não for suficientemente perto...

*(SOUSELAS faz tenção de se ir embora, mas detém-se.)*

SOUSELAS - O que é que aconteceu à sua gravata?



CAMELO - Era preciso trazer?

### **Cena 34**

**Hora aproximada: 19h00**

**Lugar: gabinete de LOPES**

**LOPES (Director de Logística)**

*(LOPES fala com a sua secretária através do intercomunicador.)*

LOPES – Olga, você conhece a Maria, a menina que trata do correio?

OLGA – Sim. Porquê?

LOPES – Qual é o apelido dela?

OLGA – Não sei, mas posso ir ver.

LOPES – Ligue-me a ela.

OLGA – Quer que lhe ligue à menina do correio?

LOPES – Sim.

OLGA – Há algum problema?

LOPES – Não. Só quero que lhe ligue e me passe a chamada.

OLGA – Dê-me o recado e eu falo com ela.

LOPES – Olga, eu disse-lhe para ligar e passar-me a chamada.

OLGA – Um momento, por favor.

*(Após um breve silêncio ouve-se a voz de outra mulher através do intercomunicador.)*

MARIA – Está?

LOPES – Menina Maria?

MARIA – Sim... Sou eu.

LOPES – É a Maria, a nova menina do correio?

MARIA - Sim... A sua secretária disse-me...

LOPES – Que tal lhe correm as coisas aí embaixo?

MARIA - Que coisas?

LOPES – O trabalho. As cartas, a correspondência, você sabe.

MARIA – Bem, acho que bem. Estou...

LOPES – E os estafetas?

MARIA – Que estafetas?

LOPES – Os estafetas. A sua relação com os estafetas. Vai bem? Incomodam-na?

MARIA – Incomodar-me? Não, porque é que haviam de me incomodar?

LOPES – Então, está satisfeita?

MARIA - Eu não queixei. Estou satisfeita.

LOPES – Maria. Onde é que está sentada?

MARIA – Numa cadeira.

LOPES – Junto à mesa?

MARIA – Sim, junto à minha mesa.

LOPES – Junto à mesa do correio?

MARIA – Sim, junt...

LOPES – O que é que vê à sua frente?

MARIA – *(Pausa.)* Não percebo.

LOPES – Maria, levante os olhos do telefone e olhe bem para a sua frente.

MARIA – Sim.

LOPES – O que é que vê?

MARIA – Não percebo.

LOPES – Maria, vê a parede dos tabuleiros do correio?

MARIA – Sim, sim.

LOPES – Muito bem. Os tabuleiros que estão mais acima quais são?

MARIA – Os tabuleiros dos directores.

LOPES – Está a ver o meu?

MARIA – Sim. Engenheiro Lopes. Director de Logística. Disse-me...

LOPES – Onde é que está o tabuleiro do seu chefe?

MARIA – Está abaixo.

LOPES – Abaixo? Abaixo onde?

MARIA – Na última fila de tabuleiros.

LOPES – E o seu?

MARIA – *(Solta um riso nervoso.)* Eu não tenho tabuleiro, senhor Engenheiro.

LOPES – Maria, sabia reconhecer-me fisicamente?

MARIA - ...

LOPES – Sabia reconhecer-me?

MARIA – Acho...

LOPES - Tenho barba?

MARIA – Não sei.

LOPES – Agora vou explicar-lhe uma coisa, Maria. Está a ouvir-me?

MARIA – Sim.

LOPES – Todos esses nomes que aparecem nos tabuleiros mais altos são de pessoas muito importantes. Você já sabe. São directores. Eu sou um deles. Você não. Por isso não tem tabuleiro. Quando for directora damos-lhe um. Também lhe arranjam uma secretária. Todos os directores têm uma. São licenciadas e falam línguas, você fala línguas?

MARIA – Inglês. Estudei na escola...

LOPES – Não se preocupe. Para tratar do correio não é preciso falar línguas. A minha secretária trata disso, a sua missão é tornar a minha vida muito mais fácil. Por exemplo, evitando que seja eu quem tem de receber e organizar a correspondência todas as manhãs. Está a seguir-me?

MARIA – Sim. Receber e organizar.

LOPES – Maria, arranje uma fotografia minha. Não é difícil. Você e a minha secretária já se conhecem, não é?

MARIA – Sim.

LOPES – Perfeito. Fale com ela. Vá comer qualquer coisa com ela um dia destes, se for preciso diga-lhe que fui eu que disse. E estude demoradamente os nossos traços físicos, analise as diferenças, em profundidade, até compreender uma coisa: que os nossos traços são razão suficiente para que você entregue o correio à minha secretária e não a mim, nunca a mim, jamais me faça depositário de correio, de um envelope, de uma carta, de um registo, de uma encomenda, de nada. Se o conseguir asseguro-lhe que vai adorar trabalhar connosco, se se enganar, se algum dia me confundir com a minha secretária, se confundir os nossos traços... Ainda aí está?

MARIA – Sim.

LOPES – Percebeu o que eu lhe expliquei?

MARIA – Sim.

LOPES – Bem vinda à empresa, Maria.

MARIA - ...

*(O ruído da multidão invade o espaço pouco a pouco. LOPES está no seu gabinete com o olhar cravado no intercomunicador. SOUSELAS fuma um*

*cigarro sentado numa caixa de cartão no armazém. MONIKA desliga o telefone do gabinete de SOUSELAS. HENRIQUES trata da ferida da mão na casa-de-banho. CAMELO fuma um cigarro no terraço. SILVESTRE espera o autocarro que vai levá-lo de volta a casa.)*

**FIM**